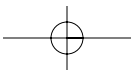


## ACTO I

### CENA I — PERPENA, ÁUFIDE

PERPENA

Não sei o que tenho, Áufide, nem por que razão  
A minha palavra não se impõe ao coração?  
O horror que, contra vontade, a traição me inspira  
Faz-me pensar o contrário do que ambiciono.  
E dessa grandeza alicerçada sobre o crime,  
Cuja ideia até hoje tanto me fez sonhar,  
A imagem repugnante, na altura da execução,  
Já não tem em mim um braço para a realizar.  
Em vão a ambição que anima a minha coragem,  
Com um falso brilho de honra adorna o seu negro lavor;  
Em vão para me submeter aos seus cobardes esforços,  
A minha alma sacudiu o jugo de mil remorsos:  
Essa alma, contra si própria de súbito dividida,  
Reergue desses remorsos a grilheta não rompida;  
E de Sertório a surpreendente fortuna  
Segura um braço prestes a furar-lhe o coração.



## ÁUFIDE

Que vergonhoso obstáculo de virtude delicada  
Se opõe ao belo êxito da esperança já formada?  
E desde quando, Senhor, a sede de evidência  
Receia derramar um pouco de mau sangue?  
Tereis esquecido essa máxima sublime,  
De que a guerra civil é o reino do crime;  
E que nos lugares em que só ele domina,  
A inocência tímida é a única coisa pequenina?  
A honra e a virtude são nomes ridículos:  
Nem Mário nem Carbonte tiveram quaisquer escrúpulos;  
Nunca Sila, nunca...

## PERPENA

Nem Sila nem Mário

Alguma vez pouparam o sangue dos vencidos:  
A um e outro a vitória, como fúria à sua volta,  
Fez-lhes crescer a ira ao extremo da barbárie;  
Através de carnificinas e proscricções  
Sacrificaram Roma às suas dissensões;  
Mas essas sangrentas discórdias que nos dão senhores  
Só fizeram assassinos, e em caso algum traidores;  
Nunca os seus mais vastos furores consentiram  
Que alguém derramasse o sangue do seu próprio partido;  
E em nenhum dos dois campos se viu alguém ousar  
O assassinio do seu chefe para lhe tomar o lugar.

## ÁUFIDE

Renunciais a isso, então, e não vos desgosta  
Seguir as bandeiras de um chefe inferior a vós?  
Ah! se é para obedecer, não façamos mais guerra;

Tomemos o mesmo jugo que tomou toda a terra.  
Porquê tantos perigos? porquê tantos combates?  
Se queremos servir, Sila estende-nos os braços.  
É viver mal como romano receber leis de um homem;  
Mas, tirano por tirano, mais vale viver em Roma.

## PERPENA

Pensa bem no que dizes quando falas assim.  
Pelo menos a liberdade ainda respira aqui:  
Da nossa república em Roma aniquilada,  
Vê-se aqui reflorir a mais nobre parte;  
E este asilo aberto aos ilustres proscritos,  
Reúne do senado os preciosos cacos.  
Com eles Sertório governa estas províncias,  
Impõe-lhes tributo, faz leis aos seus príncipes,  
Mantém o que resta dos nossos romanos independente;  
Mas como qualquer partido pede um comandante,  
Esta sorte imprevista que em todo o lado o acompanha,  
Este nome que adquiriu entre os povos de Espanha...

## ÁUFIDE

Ah! é esse nome ganho com demasiada felicidade  
Que vos impede a fortuna e vos rouba a dignidade;  
Não creio que o ponhais em dúvida, por pouco que vos lembreis  
Do dia em que o vosso exército se foi juntar ao seu.  
Então...

## PERPENA

Não reavives essa pungente lembrança  
De que o comando deveria pertencer-me.  
Eu era mais do que ele em número e em nobreza;

Sem mim sucumbiria sob a sua própria fraqueza;  
Mas, mal apareceu, vi em menos de nada  
Todo o meu campo esvaziar-se para encher o dele;  
Vi pelos meus soldados as minhas águias arrancadas  
Sob o seu comando voarem até às suas barricadas;  
E para colorir esse entusiasmo vergonhoso,  
Segui-os de raiva e alinhei tal como eles.  
A imperiosa amargura do áspero ciúme  
Que em segredo desde logo tomou a minha alma  
Aumentou de dia para dia sob uma paixão  
Que tiraniza ainda mais do que a ambição:  
Adoro Viriata; e essa grande rainha,  
Dos Lusitanos a ilustre soberana,  
Poderia com o seu hímen restituir-me sobre os seus  
O poder absoluto que ele me roubou sobre os meus:  
Mas ela própria, ai de mim! (fascinada com o seu nome)  
Deixa-se atar aos elogios que lhe fazem a Fama,  
Enquanto que ele, insensível aos seus encantos,  
Me rouba um coração que ele próprio não exige.  
Do seu Astro adverso é tal a violência,  
Que tudo me rouba sem mesmo se dar conta,  
E de cada vez que me tira o que me é mister  
O seu nome tudo apaga sem que o saiba sequer.  
Sei que pode amar e esconder-nos a sua chama,  
Mas quero quanto a isso descobrir-lhe a alma  
E se puder ceder-me esse Trono a que aspiro,  
Meu ódio imolarei à satisfação dos meus desejos  
E não mais invejarei a situação que usurpa,  
Se idêntica me garantir sobre este bárbaro povo  
Que, com o nosso desvelo, a nossa mão ensinou,  
E sob a nossa disciplina romano se tornou.

ÁUFIDE

Quando se tem projectos dessa importância,  
Os interesses do amor pesam na balança?  
E se esses interesses vos são enfim tão doces,  
Virriata, com ele morto, não vos pertencerá?

PERPENA

Sim; mas dessa morte a sequência embarça-me.  
Herdarei o seu destino assim como o seu lugar?  
Aqueles de quem obtive crença e apoio  
Obedecer-me-ão com tanta alegria como a ele?  
E para vingar a sua vida indignamente cortada,  
Não irão eles erguer as insígnias de Pompeu?

ÁUFIDE

Receais de mais, e tarde de mais: é no vosso festim  
Que esta noite por vossa ordem se decide o seu destino.  
A trégua dispersou o exército pelo campo  
E só vós comandais o que nos acompanha.  
A ocasião sorri-nos a tão grande façanha;  
Mas tal braço não é nosso senão até amanhã;  
Se desistirdes do golpe, tomai cautela com as provas.  
Perdei Sertório ou perdei os vossos cúmplices.  
Temei o que é preciso temer: não falta entre nós  
Quem poderia bem ter o mesmo remorso que vós;  
E se ides adiar... Mas o tirano chega.  
Tentai obter dele o objecto que vos cativa;  
E pedirei aos deuses para que nesse encontro  
Tenhais a sorte suficiente de nada lhe arrancar.